

# O JORNALISMO CRÍTICO

Albert Camus

Tradução:

Leandson Vasconcelos Sampaio<sup>1</sup>

## CRÍTICA DA NOVA IMPRENSA

(*Combat*, 31 de agosto de 1944.)

Uma vez que, entre a insurreição e a guerra, há uma pausa hoje, gostaria de falar sobre algo que eu conheço bem e que está perto do meu coração, quero dizer, a imprensa. E uma vez que esta é a nova imprensa que saiu da batalha de Paris, gostaria de falar sobre isso com a fraternidade e a clarividência que devemos aos nossos camaradas.

Quando nós redigimos nossos jornais na clandestinidade, era naturalmente sem histórias e sem declarações de princípio. Mas eu sei que para todos os nossos camaradas em todos os nossos jornais, era com uma grande esperança secreta. Nós tivemos a esperança de que estes homens, que tinham corrido perigos mortais em nome de algumas ideias que lhes eram caras, poderiam dar ao seu país a imprensa que merecia e que não tinham mais. Nós sabíamos por experiência que a imprensa do pré-guerra estava perdida em seu princípio e em sua moral. O apetite pelo dinheiro e a indiferença pelas coisas da grandeza haviam operado ao mesmo tempo para dar à França uma imprensa que, com raras exceções próximas, não tinha outro objetivo senão aumentar o poder de

---

<sup>1</sup> Mestre em Filosofia Universidade Federal do Ceará (UFC). leandson@hotmail.com

alguns e de outro efeito do que degradar a moralidade de todos. Portanto, não foi difícil para essa imprensa se tornar o que era de 1940 a 1944, isto é, a vergonha deste país.

Nosso desejo, ainda mais profundo, como era muitas vezes mudo, era liberar os jornais do dinheiro e dar-lhes um tom e uma verdade que colocassem o público na altura do que é melhor nele. Nós pensamos então que um país costuma valer o que vale sua imprensa. E se é verdade que os jornais são a voz de uma nação, nós estávamos determinados, em nosso lugar e para a nossa pequena parte, elevar este país elevando sua linguagem. Certo ou errado, é por isso que muitos de nós morremos em condições inimagináveis e que outros sofrem a solidão e as ameaças da prisão.

Na verdade, nós apenas ocupamos os locais, onde confeccionamos os jornais que publicamos em plena batalha. Esta é uma grande vitória e, deste ponto de vista, os jornalistas da Resistência mostraram uma coragem e uma vontade que merecem o respeito de todos. Mas, e eu peço desculpas por dizer isso em meio ao entusiasmo geral, isso é pouca coisa, já que tudo está por concluir. Nós conquistamos os meios para fazer essa profunda revolução que nós desejávamos. Ainda é preciso que nós a façamos verdadeiramente. E, para dizer em uma palavra, a imprensa liberada, como aparece em Paris após uma dezena de números, não é muito satisfatória.

O que proponho dizer neste artigo e naqueles que se seguem, eu gostaria que aceitássemos bem. Eu falo em nome de uma fraternidade de combate e não me refiro aqui a alguém em particular. As críticas que podem ser feitas são dirigidas a toda a imprensa sem exceção e nos entendemos. Devemos dizer que isso é prematuro, que devemos dar tempo aos nossos jornais para se organizar antes de fazer esse exame de consciência? A resposta é « não ».

Nós estamos bem localizados para saber em que condições incríveis nossos jornais foram fabricados. Mas a questão não é esta. Ela está em um certo tom que foi possível adotar desde o início e que não foi. É ao contrário, no momento em que esta imprensa está sendo feita, onde ela vai ter seu rosto definitivo que é importante que ela se examine. Ela saberá melhor o que ela quer ser e ela se tornará.

O que nós queremos? Uma imprensa clara e viril, com linguagem respeitável. Para os homens que, durante anos, escreveram um artigo, sabiam que este artigo poderia se pagar com a prisão e a morte, era evidente que as palavras tinham seu valor e que deveriam ser pensadas. É esta responsabilidade do jornalista frente ao público que eles queriam restaurar.

Agora, na pressa, a raiva ou delírio de nossa ofensiva, nossos jornais pecaram por preguiça. O corpo nesses dias trabalhou tanto que o espírito perdeu sua vigilância. Eu direi aqui em geral o que eu me proponho então detalhar: muitos dos nossos jornais retomaram fórmulas que se acreditavam

desatualizadas e não temiam os excessos de retórica ou chamavam a essa sensibilidade de uma moça frívola<sup>2</sup> que fazia - antes da declaração de guerra ou depois, o mais claro dos nossos jornais.

No primeiro caso, é preciso que nós nos persuadamos bem de que nós realizamos somente o decalque, com uma simetria inversa, da imprensa de ocupação. No segundo caso, nós retomamos, por espírito de facilidade, fórmulas e ideias que ameaçam a própria moralidade da imprensa e do país. Nada disso é possível, ou então é preciso se resignar e desesperar do que nós temos que fazer.

Uma vez que os meios de se expressar estão agora conquistados, nossa responsabilidade em relação a nós mesmos e ao país está completa. O essencial, e este é o propósito deste artigo, é que estejamos bem conscientes. A tarefa de cada um de nós é pensar bem o que ele propõe dizer, de moldar pouco a pouco o espírito do jornal que é dele, de escrever atenciosamente e nunca perder de vista essa imensa necessidade onde devemos devolver a um país sua voz profunda. Se nós fizermos que essa voz continue sendo a energia e não mais ódio, de objetividade orgulhosa e não retórica, de humanidade e não de mediocridade, então muitas coisas serão salvas e nós não teremos demérito.

## JORNALISMO CRÍTICO

(*Combat*, 8 de setembro de 1944.)

É preciso bem que nós nos ocupemos também do jornalismo de ideias. A concepção que a imprensa francesa faz da informação poderia ser melhor, como já dissemos. Queremos informar rapidamente em vez de informar bem. A verdade não ganha.

Não se pode razoavelmente lamentar, portanto, que os artigos de fundo levem a informação um pouco do lugar que ela ocupa tão mal. Uma coisa ao menos é evidente, a informação tal como ela é fornecida hoje aos jornais, e como eles a utilizam, não pode se passar de um comentário crítico. Esta é a fórmula para a qual a imprensa pode ser estendida como um todo.

Por um lado, o jornalista pode ajudar a compreensão das notícias por um conjunto de observações que dão o seu alcance exato às informações das quais nem a fonte nem a intenção são sempre evidentes. Ele pode, por exemplo, reunir em suas páginas de layout os despachos que se

---

<sup>2</sup> Segundo o Dicionário Google, "midinette" significa: "1. jovem vendedora da classe trabalhadora parisiense, ajudante de costureira ou modista. 2. moça cidadina, romanesca e frívola.". Disponível em: <<https://www.google.com.br/search?newwindow=1&dcr=o&q=Dicion%C3%A1rio#dobs=midinette>> Acesso em: 23 de Out. 2017. 11:00h.

contradizem e os colocar em dúvida um para o outro. Ele pode esclarecer o público sobre a probabilidade de anexar tais informações sabendo que ela é originária de uma agência ou escritório no exterior. Para dar um exemplo específico, é claro que, entre a multidão de escritórios mantidos no exterior, antes da guerra, pelas agências, apenas quatro ou cinco tinham as garantias de veracidade de que uma imprensa decidiu para desempenhar seu papel de reivindicar. Cabe ao jornalista, melhor informado do que o público, apresentar-lhe, com o máximo de reservas, informações sobre as quais ele conhece bem a precariedade.

A esta crítica direta, no texto e nas fontes, o jornalista poderia adicionar exposições tão claras e tão precisas quanto possível que levariam o público a conhecer a tecnologia da informação. Uma vez que o leitor está interessado no Dr. Petiot e na joalheria, não há motivo imediato para que o funcionamento de uma agência de notícias internacional não seja de seu interesse. A vantagem seria advertir seu sentido crítico em vez de abordar seu espírito de facilidade. A questão é apenas saber se esta informação crítica é tecnicamente possível. Minha convicção sobre este ponto é positiva.

Há uma outra contribuição do jornalista para o público. Ela reside no comentário político e moral da atualidade. Em face das forças desordenadas da história, cujas informações são o reflexo, pode ser bom notar, dia a dia, a reflexão de um espírito ou as observações comuns de muitos espíritos. Mas isso não pode ser feito sem escrúpulos, sem distância e sem uma certa ideia de relatividade. Certamente, o gosto pela verdade não impede de tomar partido. E mesmo que comecemos a entender o que estamos tentando fazer neste jornal, um não se entende sem o outro. Mas aqui como em outros lugares, há um tom a encontrar, caso contrário, tudo é desvalorizado.

Para tirar exemplos na imprensa de hoje, é certo que a surpreendente precipitação de exércitos aliados e notícias internacionais, a certeza da vitória repentinamente substituindo a incansável esperança de libertação, a abordagem da paz, finalmente, forçar todos os jornais a definir sem demora o que o país quer e o que é. É por isso que há muita conversa sobre a França em seus artigos. Mas, é claro, é um assunto que só pode ser tocado com cuidado e escolha infinitas de palavras. Ao querer repetir os clichês e as frases patrióticas de um momento em que os franceses estiveram irritados com a própria palavra "pátria", nada é dito sobre a definição procurada. Mas nós nos retiramos muito. Em tempos novos, é necessário, se não novas palavras, pelo menos novas disposições de palavras. Esses arranjos, apenas o coração a ditar, e o respeito que dá amor verdadeiro. É somente a esse preço que contribuiremos, para a nossa pequena parte, a dar a este país o idioma que o faça ouvir.

Como podemos ver, isso equivale a pedir que artigos de fundo tenham fundo e que notícias falsas ou duvidosas não sejam apresentadas como notícias verdadeiras. É esse conjunto de abordagens que eu chamo de jornalismo crítico. E, novamente, há uma necessidade de tom e há a necessidade também do sacrifício de muitas coisas. Mas isso pode ser suficiente se começarmos a pensar sobre isso.

## **AUTOCRÍTICA**

(*Combat*, 22 de novembro de 1944.)

Vamos fazer um pouco de autocrítica. O trabalho que consiste em definir todos os dias, e em face da atualidade, as exigências do bom senso e da simples honestidade do espírito não vai sem perigo. Ao querer o melhor, estamos dedicados em julgar o pior, e às vezes também aquilo que é somente menos bom. Em suma, pode-se tomar a atitude sistemática do juiz, do instrutor ou do professor de moral. Deste trabalho até a pretensão ou à tolice, há apenas um passo.

Nós esperamos não ter cruzado. Mas nós não temos certeza de que sempre escapamos do perigo de implicar que acreditamos ter o privilégio da clarividência e a superioridade daqueles que nunca erraram. No entanto, não há nada disso. Nós temos o desejo sincero de colaborar no trabalho comum através do exercício periódico de algumas regras de consciência, das quais nos parece que a política não fez, até aqui, um grande uso.

Essa é toda a nossa ambição e, é claro, se nós marcarmos os limites de certos pensamentos ou ações políticas, nós também conhecemos os nossos, tentando apenas remediá-los com o uso de dois ou três escrúpulos. Mas a atualidade é exigente e a fronteira que separa a moral do moralismo, incerta. Ele chega, por cansaço e por esquecimento, para atravessá-lo.

Como escapar desse perigo? Pela ironia. Mas nós não estamos, infelizmente! em uma época de ironia. Nós estamos ainda no tempo da indignação. Deixe-nos apenas manter, seja lá o que for acontecer, o sentido do relativo e tudo será salvo.

Certamente, não lemos sem irritação, no dia seguinte à tomada de Metz, e sabendo o que custou, uma reportagem sobre o retorno de Marlene Dietrich à Metz. E nós teremos sempre razão em nos indignar. Mas é preciso compreender, ao mesmo tempo, que isso não significa para nós que os jornais devem ser necessariamente chatos. Simplesmente, nós não pensamos que, em tempos de guerra, os caprichos de uma estrela sejam necessariamente mais interessantes do que a dor dos povos, o sangue dos exércitos ou o trabalho duro de uma nação para encontrar sua verdade.

Tudo isso é difícil. A justiça é ao mesmo tempo uma ideia e um calor da alma. Diga-nos como levá-lo ao que é humano sem transformá-lo naquela terrível paixão abstrata que tem mutilado tantos homens. A ironia não é estranha para nós e não somos nós que a levamos a sério. É apenas a provação indescritível deste país e a formidável aventura que precisa viver hoje. Esta distinção dará, ao mesmo tempo, sua medida e sua relatividade ao nosso esforço cotidiano.

Pareceu-nos necessário hoje para nos dizer isso e dizer ao mesmo tempo aos nossos leitores para que eles saibam que em tudo o que escrevemos, dia após dia, nós não estamos esquecidos do dever de reflexão e de escrúpulo que deve ser o de todos os jornalistas. Para dizer tudo, não nos esquecemos do esforço de crítica que nos parece necessário neste momento.

## **LE JOURNALISME CRITIQUE**

### **CRITIQUE DE LA NOUVELLE PRESSE**

(Combat, 31 août 1944.)

Puisque, entre l'insurrection et la guerre, une pause nous est au-jour'd'hui donnée, je voudrais parler d'une chose que je connais bien et qui me tient à coeur, je veux dire la presse. Et puisqu'il s'agit de cette nouvelle presse qui est sortie de la bataille de Paris, je voudrais en parler avec, en même temps, la fraternité et la clairvoyance que l'on doit à des camarades de combat.

Lorsque nous rédigeons nos journaux dans la clandestinité, c'était naturellement sans histoires et sans déclarations de principe. Mais je sais que pour tous nos camarades de tous nos journaux, c'était avec un grand espoir secret. Nous avions l'espérance que ces hommes, qui avaient couru des dangers mortels au nom de quelques idées qui leur étaient chères, sauraient donner à leur pays la presse qu'il méritait et qu'il n'avait plus. Nous savions par expérience que la presse d'avant guerre était perdue dans son principe et dans sa morale. L'appétit de l'argent et l'indifférence aux choses de la grandeur avaient opéré en même temps pour donner à la France une presse qui, à de rares exceptions près, n'avait d'autre but que de grandir la puissance de quelques-uns et d'autre effet que d'avilir la moralité de tous. Il n'a donc pas été difficile à cette presse de devenir ce qu'elle a été de 1940 à 1944, c'est-à-dire la honte de ce pays.

Notre désir, d'autant plus profond qu'il était souvent muet, était de libérer les journaux de l'argent et de leur donner un ton et une vérité qui mettent le public à la hauteur de ce qu'il y a de meilleur en lui. Nous pensions alors qu'un pays vaut souvent ce que vaut la presse. Et s'il est vrai que

les journaux sont la voix d'une nation, nous étions dé-cidés, à notre place et pour notre faible part, à élever ce pays en éle-vant son langage. À tort ou à raison, c'est pour cela que beaucoup d'entre nous sont morts dans d'inimaginables conditions et que d'au-tres souffrent la solitude et les menaces de la prison.

En fait, nous avons seulement occupé des locaux, où nous avons confectionné des journaux que nous avons publiés en pleine bataille. C'est une grande victoire et, de ce point de vue, les journalistes de la Résistance ont montré un courage et une volonté qui méritent le res-pect de tous. Mais, et je m'excuse de le dire au milieu de l'enthou-siasme général, cela est peu de chose puisque tout reste à faire. Nous avons conquis les moyens de faire cette révolution profonde que nous désirions. Encore faut-il que nous la fassions vraiment. Et pour tout dire d'un mot, la presse libérée, telle qu'elle se présente à Paris après une dizaine de numéros, n'est pas très satisfaisante.

Ce que je me propose de dire dans cet article et dans ceux qui sui-vront, je voudrais qu'on le prenne bien. Je parle au nom d'une frater-nité de combat et personne n'est ici visé en particulier. Les critiques qu'il est possible de faire s'adressent à toute la presse sans ex-ception, et nous nous y comprenons. Dira-t-on que cela est prématuré, qu'il faut laisser à nos journaux le temps de s'organiser avant de faire cet examen de conscience ? La réponse est « non ».

Nous sommes bien placés pour savoir dans quelles incroyables conditions nos journaux ont été fabriqués. Mais la question n'est pas là. Elle est dans un certain ton qu'il était possible d'adopter dès le début et qui ne l'a pas été. C'est au contraire au moment où cette presse est en train de se faire, où elle va prendre son visage définitif qu'il importe qu'elle s'examine. Elle saura mieux ce qu'elle veut être et elle le deviendra.

Que voulions-nous ? Une presse claire et virile, au langage respec-table. Pour des hommes qui, pendant des années, écrivant un article, savaient que cet article pouvait se payer de la prison et de la mort, il était évident que les mots avaient leur valeur et qu'ils devaient être réfléchis. C'est cette responsabilité du journaliste devant le public qu'ils voulaient restaurer.

Or, dans la hâte, la colère ou le délire de notre offensive, nos jour-naux ont péché par paresse. Le corps, dans ces journées, a tant tra-vaillé que l'esprit a perdu de sa vigilance. Je dirai ici en général ce que je me propose ensuite de détailler : beaucoup de nos journaux ont re-pris des formules qu'on croyait périmées et n'ont pas craint les excès de la rhétorique ou les appels à cette sensibilité de midinette qui fai-saient, avant la déclaration de guerre ou après, le plus clair de nos journaux.

Dans le premier cas, il faut que nous nous persuadions bien que nous réalisons seulement le décalque, avec une symétrie inverse, de la presse d'occupation. Dans le deuxième cas, nous reprenons, par esprit de facilité, des formules et des idées qui menacent la moralité même de la presse et du pays. Rien de tout cela n'est possible, ou alors il faut démissionner et désespérer de ce que nous avons à faire.

Puisque les moyens de nous exprimer sont dès maintenant conquis, notre responsabilité vis-à-vis de nous-mêmes et du pays est entière. L'essentiel, et c'est l'objet de cet article, est que nous en soyons bien avertis. La tâche de chacun de nous est de bien penser ce qu'il se propose de dire, de modeler peu à peu l'esprit du journal qui est le sien, d'écrire attentivement et de ne jamais perdre de vue cette immense nécessité où nous sommes de redonner à un pays sa voix profonde. Si nous faisons que cette voix demeure celle de l'énergie plutôt que de la haine, de la fière objectivité et non de la rhétorique, de l'humanité plutôt que de la médiocrité, alors beaucoup de choses seront sauvées et nous n'aurons pas démérité.

## **LE JOURNALISME CRITIQUE**

(Combat, 8 septembre 1944.)

Il faut bien que nous nous occupions aussi du journalisme d'idées. La conception que la presse française se fait de l'information pourrait être meilleure, nous l'avons déjà dit. On veut informer vite au lieu d'informer bien. La vérité n'y gagne pas.

On ne peut donc raisonnablement regretter que les articles de fond prennent à l'information un peu de la place qu'elle occupe si mal. Une chose du moins est évidente, l'information telle qu'elle est fournie aujourd'hui aux journaux, et telle que ceux-ci l'utilisent, ne peut se passer d'un commentaire critique. C'est la formule à laquelle pourrait tendre la presse dans son ensemble.

D'une part, le journaliste peut aider à la compréhension des nouvel-les par un ensemble de remarques qui donnent leur portée exacte à des informations dont ni la source ni l'intention ne sont toujours évidentes. Il peut, par exemple, rapprocher dans sa mise en pages des dépêches qui se contredisent et les mettre en doute l'une par l'autre. Il peut éclairer le public sur la probabilité qu'il est convenable d'attacher à telle information, sachant qu'elle émane de telle agence ou de tel bureau à l'étranger. Pour donner un exemple précis, il est bien certain que, parmi la foule de bureaux entretenus à l'étranger, avant la guerre, par les agences, quatre ou cinq seulement présentaient les garanties de véracité qu'une presse décidée à jouer son rôle doit réclamer. Il revient au journaliste,



mieux renseigné que le public, de lui présenter, avec le maximum de réserves, des informations dont il connaît bien la précarité.

À cette critique directe, dans le texte et dans les sources, le journaliste pourrait ajouter des exposés aussi clairs et aussi précis que possible qui mettraient le public au fait de la technique d'information. Puisque le lecteur s'intéresse au docteur Petiot et à l'escroquerie aux bijoux, il n'y a pas de raisons immédiates pour que le fonctionnement d'une agence internationale de presse ne l'intéresse pas. L'avantage serait de mettre en garde son sens critique au lieu de s'adresser à son esprit de facilité. La question est seulement de savoir si cette information critique est techniquement possible. Ma conviction sur ce point est positive.

Il est un autre apport du journaliste au public. Il réside dans le commentaire politique et moral de l'actualité. En face des forces désordonnées de l'histoire, dont les informations sont le reflet, il peut être bon de noter, au jour le jour, la réflexion d'un esprit ou les observations communes de plusieurs esprits. Mais cela ne peut se faire sans scrupules, sans distance et sans une certaine idée de la relativité. Certes, le goût de la vérité n'empêche pas la prise de parti. Et même, si l'on a commencé de comprendre ce que nous essayons de faire dans ce journal, l'un ne s'entend pas sans l'autre. Mais, ici comme ailleurs, il y a un ton à trouver, sans quoi tout est dévalorisé.

Pour prendre des exemples dans la presse d'aujourd'hui, il est certain que la précipitation étonnante des armées alliées et des nouvelles internationales, la certitude de la victoire remplaçant soudain l'espoir infatigable de la libération, l'approche de la paix enfin, forcent tous les journaux à définir sans retard ce que veut le pays et ce qu'il est. C'est pourquoi il est tant question de la France dans leurs articles. Mais, bien entendu, il s'agit d'un sujet qu'on ne peut toucher qu'avec d'innombrables précautions et en choisissant ses mots. À vouloir reprendre les clichés et les phrases patriotiques d'une époque où l'on est arrivé à irriter les Français avec le mot même de patrie, on n'apporte rien à la définition cherchée. Mais on lui retire beaucoup. À des temps nouveaux, il faut, sinon des mots nouveaux, du moins des dispositions nouvelles de mots. Ces arrangements, il n'y a que le cœur pour les dicter, et le respect que donne le véritable amour. C'est à ce prix seulement que nous contribuerons, pour notre faible part, à donner à ce pays le langage qui le fera écouter.

On le voit, cela revient à demander que les articles de fond aient du fond et que les nouvelles fausses ou douteuses ne soient pas présentées comme des nouvelles vraies. C'est cet ensemble de démarches que j'appelle le journalisme critique. Et, encore une fois, il y faut du ton et il y faut aussi le sacrifice de beaucoup de choses. Mais cela suffirait peut-être si l'on commençait d'y réfléchir.

## AUTOCRITIQUE

(Combat, 22 novembre 1944.)

Faisons un peu d'autocritique. Le métier qui consiste à définir tous les jours, et en face de l'actualité, les exigences du bon sens et de la simple honnêteté d'esprit ne va pas sans danger. À vouloir le mieux, on se voue à juger le pire et quelquefois aussi ce qui est seulement moins bien. Bref, on peut prendre l'attitude systématique du juge, de l'instituteur ou du professeur de morale. De ce métier à la prétention ou à la sottise, il n'y a qu'un pas.

Nous espérons ne ravoir pas franchi. Mais nous ne sommes pas sûrs que nous ayons échappé toujours au danger de laisser entendre que nous croyons avoir le privilège de la clairvoyance et la supériorité de ceux qui ne se trompent jamais. Il n'en est pourtant rien. Nous avons le désir sincère de collaborer à l'oeuvre commune par l'exercice périodique de quelques règles de conscience dont il nous semble que la politique n'a pas fait, jusqu'ici, un grand usage.

C'est toute notre ambition et, bien entendu, si nous marquons les limites de certaines pensées ou actions politiques, nous connaissons aussi les nôtres, essayant seulement d'y remédier par l'usage de deux ou trois scrupules. Mais l'actualité est exigeante et la frontière qui sépare la morale du moralisme, incertaine. Il arrive, par fatigue et par oubli, qu'on la franchisse.

Comment échapper à ce danger ? Par l'ironie. Mais nous ne sommes pas, hélas ! dans une époque d'ironie. Nous sommes encore dans le temps de l'indignation. Sachons seulement garder, quoi qu'il arrive, le sens du relatif et tout sera sauvé.

Certes, nous ne lisons pas sans irritation, au lendemain de la prise de Metz, et sachant ce qu'elle a coûté, un reportage sur rentrée de Marlène Dietrich à Metz. Et nous aurons toujours raison de nous en indigner. Mais il faut comprendre, en même temps, que cela ne signifie pas pour nous que les journaux doivent être forcément ennuyeux. Simplement, nous ne pensons pas qu'en temps de guerre, les caprices d'une vedette soient nécessairement plus intéressants que la douleur des peuples, le sang des armées, ou l'effort acharné d'une nation pour trouver sa vérité.

Tout cela est difficile. La justice est à la fois une idée et une chaleur de l'âme. Sachons la prendre dans ce qu'elle a d'humain, sans la transformer en cette terrible passion abstraite qui a mutilé tant d'hommes. L'ironie ne nous est pas étrangère et ce n'est pas nous que nous prenons au sérieux. C'est seulement l'épreuve indicible de ce pays et la formidable aventure qu'il lui faut vivre aujourd'hui. Cette distinction donnera en même temps sa mesure et sa relativité à notre effort quotidien.

Il nous a paru nécessaire aujourd'hui de nous dire cela et de le dire en même temps à nos lecteurs pour qu'ils sachent que dans tout ce que nous écrivons, jour après jour, nous ne sommes pas oublieux du devoir de réflexion et de scrupule qui doit être celui de tous les journalistes. Pour tout dire, nous ne nous oublions pas dans l'effort de critique qui nous paraît nécessaire en ce moment.

## REFERÊNCIA

CAMUS, Albert. **Œuvres Complètes. Bibliothèque de la Pléiade. Actuelles. Chroniques. Combat. 1944-1945.** Éditions Gallimard, Paris: 2006. Págs. 384-389.